NATURPHILOSOPHIE: A RELAÇÃO EPISTEMOLÓGICA ENTRE SER HUMANO E NATUREZA EM SCHELLING

ISADORA TABORDES[1]; ROBINSON DOS SANTOS[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – isadoraf.tabordes@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas – dossantosrobinson@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A relação entre o ser humano e a natureza é moldada por pressupostos culturais, históricos e epistemológicos que variam ao longo do tempo, conforme os paradigmas de pensamento dominantes. Essas diferentes concepções de natureza influenciam diretamente nos problemas acerca da exploração ecológica e os debates contemporâneos sobre sustentabilidade e preservação ambiental. A maneira com a qual apreendemos o mundo natural, marcará a forma com a qual interagimos com ele. A atual crise ecológica destaca a necessidade urgente de revisitar esses pressupostos epistemológicos, promovendo formas de conhecimento que reconheçam a interdependência e a complexidade intrínsecas à relação entre humanidade e natureza. Nesse sentido, a presente investigação pretende lançar luzes à *Naturphilosophie,* do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775–1854), um dos poucos filósofos da modernidade que não concede ao ser humano uma posição de dominação em relação à natureza, mas o percebe como parte integrante em uma relação coprodução.

Marcado pelo dualismo cartesiano, o período moderno predominantemente endossa a dicotomia entre sujeito e objeto, culminando em Fichte, em sua doutrina da ciência, com a negação da natureza e o enfoque radical no “eu”. Isso implica que, além da constituição do objeto pelo sujeito cognoscente, não há nada — não existe uma natureza em si. Diante desse “eu” que conhece, o que se encontra é apenas um produto, a não-natureza. Embora Schelling, mais tarde, acuse essa posição fichteana como “subjetivismo”, o filósofo da natureza é inicialmente influenciado por Fichte, integrando a conhecida tríade do idealismo alemão, a saber, Fichte, Schelling e Hegel. Os três autores adotam como ponto de partida o *idealismo transcendental* são, portanto, herdeiros do pensamento de Kant. Contudo, percorrem caminhos distintos na tentativa de responder aos problemas propostos na epistemologia kantiana. É nesse contexto em que nasce a *Naturphilosophie*, entre 1794 e 1797.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada consiste essencialmente na pesquisa bibliográfica, o enfoque investigativo foi nas obras *Ideias para uma filosofia da natureza como introdução ao estudo desta ciência* (*Ideen zu einer Philosophie der Natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft*) (1797 e 1803); *Da alma do mundo – Uma hipótese da física superior para explicação do organismo universal* (*Von der Weltseele – Eine Hypothese der höhern Physik zur Erklärung des allgemeinen Organismus*) (1798); *Primeiro projeto de um sistema da filosofia da natureza* (*Erster Entwurf eines System der Naturphilosophie*) (1799), *Aforismos sobre filosofia da natureza* (*Aphorismen über die Naturphilosophie*) (1806).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A filosofia da natureza schellinguiana representou uma ponte entre o que Schelling denominou como "alma" e "corpo" da filosofia, a saber, o idealismo e o realismo, respectivamente. Uma empreitada filosófica cujo objetivo foi o de superar a dicotomia entre sujeito e objeto, ideal e real. Essa tentativa de síntese entre ambas as perspectivas é essencial para elucidar os recursos teóricos que a *Naturphilosophie* pode fornecer para o rompimento das divisões epistêmicas que separam ser humano e natureza, considerando que o ser humano, nesse contexto, ocupa o papel de elo que conecta o ideal ao real.

Em contraste com o pensamento mecanicista de sua época, Schelling concebe a natureza como autônoma, dotada de uma produtividade infinita e dinamismo, funcionando como um processo contínuo de auto-organização que independe de um sujeito conhecedor para existir. Nesse sentido, o entendimento humano não impõe leis à natureza, a natureza é legisladora de si e se reconhece através do ser humano, eis que as próprias condições de possibilidade do conhecimento são determinadas por ela. A racionalidade humana é produto da natureza. A humanidade constitui a origem de uma forma consciente de produtividade, precisamente pelo fato de que o ser humano pode ter, inclusive, consciência dos princípios que regem a sua própria produtividade. Além disso, o escopo da razão humana abrange a possibilidade de resistência às leis naturais com propostas de leis alternativas. Todavia, essa faculdade pode, inevitavelmente, conduzir a enganos e descompassos entre os princípios formulados pela consciência humana e aqueles estabelecidos pela natureza a priori. Ou seja, o ponto chave é que o ser humano, ao reconhecer a existência do mundo, ocupa o papel de coprodutor, seja consciente ou inconscientemente, na medida em que somos a própria natureza em processo de autocriação. Assim, a fonte dos princípios a priori não reside no sujeito conhecedor, mas no que o precede — a necessidade intrínseca da própria natureza, da qual somos parte integrante.

Schelling transcende os limites epistemológicos propostos por Kant na *Crítica da Razão Pura*, argumentando que a investigação filosófica precisa ir além do exame das condições de possibilidade de conhecimento para abarcar a totalidade do ser. Embora reconheça a importância dessa investigação e tenha nutrido a sua filosofia com a influência kantiana, o filósofo considera que essa é apenas uma etapa inicial e não pode ser o fim último da filosofia, tampouco o seu fundamento. Essa insatisfação, o conduz para o desenvolvimento de sua filosofia da natureza, a qual acolhe concepções ontológicas e metafísicas, além de ser potencializada com fontes de pesquisa empírica, na busca de um princípio vital que conectasse matéria e espírito. Nesse contexto, ele encontrou nas teorias de cientistas como Galvani (1737–1798) e Lavoisier (1743–1794) um caminho para demonstrar como fenômenos físicos, como magnetismo, eletricidade, gravidade e calor, se relacionam com outras dimensões da matéria. Esse enfoque elucida sua forte conexão com disciplinas que mais tarde se tornariam científicas, como biologia e química, uma vez que o princípio vital é compreendido como o resultado de uma relação dialética entre elementos materiais e imateriais. Assim, o filósofo da natureza considerou a interdependência entre o mundo natural e o mundo ideal. A distinção entre essas duas esferas reside apenas no fato de pertencerem a dimensões diferentes, ainda que ambas se unam no Absoluto.

4. CONCLUSÕES

No prefácio de *Ideias para uma filosofia da natureza*, Schelling lança luzes à importância de a filosofia estar também em contato com as pesquisas empíricas. Conforme o autor, se a química, a física, a matemática, por exemplo, nos ajudam a ler os elementos da natureza, cabe à filosofia interpretar o que foi lido. O filósofo alemão vê a dualidade entre espírito e matéria como dois aspectos de uma única realidade, e é justamente nessa mudança de perspectiva sobre a separação entre ambos que encontramos um dos primeiros pontos que tornam sua *Naturphilosophie* ainda tão relevante para as discussões contemporâneas. Essas questões, de ordem ontológica, epistemológica, psicológica e, por fim, políticas, convergem para as preocupações com uma ética ambiental e para a necessidade de repensar a maneira como conhecemos e nos relacionamos com o mundo natural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHELLING F. W. J. **Aforismos para introdução à filosofia da natureza e Aforismos sobre filosofia da natureza**. Tradução, introdução e notas de Márcia C. F. Gonçalves. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora da Puc/Loyola, 2010.

_____**. Bruno ou do princípio divino e natural das coisas** (Ed.). Obras escolhidas: (Os Pensadores). Trad. Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural,
1973.

_____. **Investigações Filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana**. Tradução: Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **Preleções privadas de Stuttgart**; introdução, tradução e notas de Luis Fellipe Garcia. São Paulo: Editora Clandestina, 2020

BERGER Benjamin; WHISTLER Daniel, **The Schelling– Eschenmayer Controversy, 1801**. Edinburgh University Press, 2020.

BOWIE, Andrew. **Schelling and modern European philosophy: an introduction**. Routledge, 1993.

BUCHHEIM, Thomas. **Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände**, Hamburg: Meiner 2011.

ECKERSLEY, R. **Environmentalism and Political Theory: Toward an Ecocentric approach.** London: UCL Press, 1992.

FICHTE, J. H. **A doutrina da ciência de 1794 e outros escritos**. 3. ed. São Paulo: Nova cultural, 1988. (Os pensadores).
FREYDBERG, Bernard. **Schelling's dialogical freedom essay: provocative philosophy then and now**. State University of New York, 2008.

GRANT, Iain Hamilton. **Philosophies of Nature After Schelling**. London: Continuum International Publishing Group, 2006.

HENNIGFELD, Jochem. Schellings '**Über das Wesen der menschlichen Freiheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände**'. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2001

MATTHEWS, **Bruce. Schelling's Organic Form of Philosophy: Life as the Schema of Freedom**. Albany: State University of New York Press, 2011.

PUENTE, F. R. **As concepções Antropológicas de Schelling**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

WIRTH, Jason M. (ed.), **Schelling Now: Contemporary Readings**. Bloomington, Indiana University Press, 2005.
Žižek, S . **The Indivisible Remainder.** London, New York: Verso, 1996.

_____. **The Conspiracy of Life: Meditations on Schelling and his Time**. New York: State University of New York Press, 2003.